

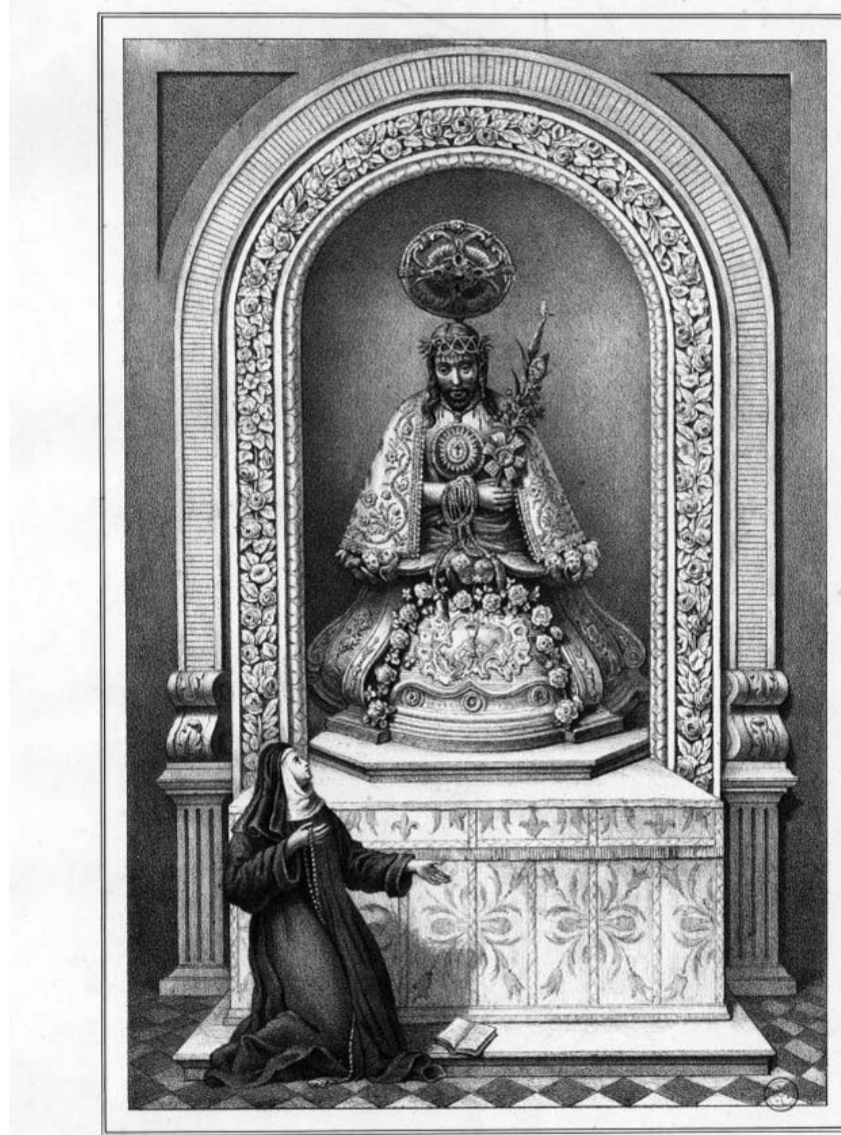
O Senhor Santo Cristo dos Milagres e o Seu Culto

Madre Teresa

Há quem culpe Monsenhor Agostinho Tavares e D. António de Sousa Braga por um aparente desinteresse a respeito do processo de canonização de Madre Teresa. Ora o Reitor do Santuário e o Bispo de Angra conhecem muito melhor as leis canónicas do que o comum dos fiéis e sabem que a empresa não é possível. Madre Teresa morreu há muito tempo e os quase únicos testemunhos que se lhe referem são os seus escritos e o livro *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, do padre José Clemente (Antes das alterações introduzidas por Pio X, em 1913, o título de venerável era atribuído ao candidato aos altares no início das investigações para beatificação, tendo passado, depois, a ser uma das fases do processo. Mas nem sequer é aquele o caso de Madre Teresa, cujo título de venerável foi uma distinção da Igreja local, dada pelo Bispo de Angra duas vezes, a primeira estando ela ainda viva!).

Com a legislação de Pio X passaram a ser quatro as fases do processo de canonização. Na primeira são inquiridas as virtudes do candidato. Concluindo-se que as praticou num grau heróico, é-lhe dado o título de “servo de Deus” e o processo avança para a fase seguinte, a mais importante, que poderá conduzir à declaração de “venerável”. Nesta fase é feita uma devassa à sua vida, de tal maneira minuciosa que, sendo ela favorável, pode ter-se praticamente a certeza de que estamos na presença de um santo. Note-se, porém, que em nenhum dos passos da canonização são tidos em conta eventuais milagres atribuídos à intercessão do servo de Deus, quer enquanto viveu quer enquanto decorre a inquirição das virtudes. A razão teológica para assim ser é simples. Deus concede as Suas graças não em atenção ao mérito do santo, ou pessoa tida como tal, a quem se recorre, mas segundo a fé e a necessidade do suplicante. Assim, os milagres concedidos por Deus por intercessão de Madre Teresa podem chamar a atenção para a sua causa, mas não garantem a sua santidade.

Madre Teresa foi uma mulher de virtudes inegáveis, não havendo porém maneira de o provar num processo canónico. Tanto mais que a devassa feita à vida do possível santo inclui não apenas a constatação de virtudes heróicas mas também a ausência de defeitos graves. E o que ela escreveu é de difícil interpretação, por ter sido uma mulher simples, pouco culta, que registou numa espécie de diário íntimo a sua relação com a imagem do Senhor Santo Cristo. Fê-lo sem preocupações de distinguir a realidade do imaginário, uma vez que não teria nunca pensado sequer que tais notas viessem a interessar a mais alguém. Es-



Madre Teresa e o Senhor Santo Cristo (Gravura, ca. 1850)

critos deste género não podem servir para uma causa de beatificação.

Muito pior acontece com o livro do Padre José Clemente. A sua credibilidade começa logo por ficar muito abalada com um flagrante anacronismo, que tem passado despercebido a todos os investigadores. Para além do facto de a imagem ser provavelmente do século XVII, Paulo III nunca poderia ter oferecido aquela ou outra para a fundação do convento, pois foi eleito Papa cerca de oito anos mais tarde. O livro, que só de vez em quando toca a realidade, é um desfile constante de milagres e outros prodígios, muitos inverosímeis. Alguns mesmo pouco dignos da Divindade, como a solução para que uma jovem fosse admitida no convento, onde não havia lugar para ela. Deus teria feito morrer uma freira para satisfazer o desejo da aspirante. Nada divino... Ou, depois da morte de Madre Teresa, ter ressuscitado duas galinhas que um homem matara num acesso fúria...

Um livro destes não pode continuar a ser tido como exemplo de devoção cristã, porque é muitas vezes a negação da verdadeira fé. No entanto isto não significa que não deva ser reeditado. Ele é em si mesmo um precioso testemunho histórico sobre o ambiente religioso dos séculos XVII e XVIII. Mas precisa de incluir um prefácio cuidadoso e notas explicativas. Com isto, prestar-se-á um bom serviço à História e à Religião. Sem isso, ele não justifica o “imprimatur”, nem sequer o “nihil obstat”. ♦

DANIEL DE SÁ
ESCRITOR E INVESTIGADOR
daniel.de.sa@sapo.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direcção Regional da Cultura

EDUARDO RESENDES



A origem da imagem

A lenda da origem da imagem do Senhor Santo Cristo não tem fundamento histórico. Dizer-se que foi oferta de Paulo III a duas jovens que teriam ido a Roma pedir para fundarem o mosteiro da Caloura é mera fantasia. Na criação deste convento protegeu-as o capitão Rui Gonçalves da Câmara, que morreu nove anos depois, em 1535. Ora, como Paulo III só foi eleito em 1534, é impossível que ele tivesse feito tal oferta.

Segundo a opinião de Manuel Arias, do Museu Nacional de Escultura de Valladolid, especialista em arte do século XVII, a imagem será do início deste. Esta e outras circunstâncias levam a considerar a hipótese de que ela tenha sido oferecida por D. Rodrigo da Câmara. ♦

EDUARDO RESENDES



A primeira procissão

Das datas em que não poderá ter ocorrido a primeira procissão do Santo Cristo, que foi em dia de trabalho, a de 11 de Abril de 1700 é uma delas. Esta foi a do Domingo de Páscoa. No entanto, a referência a ela é habitual. O próprio *site* do Santo Cristo recorre à versão mais estranha, a que mistura a primeira procissão com a segunda, a de 1713.

Pela sequência de acontecimentos na vida de Madre Teresa, que reservava a 6.ª feira para honrar especialmente o Senhor, pode concluir-se que a primeira procissão terá sido em 11 de Abril de 1698. Quanto à tradição da procissão anual, não há registos seguros de que tenha começado antes dos finais do séc. XVIII ou primeira metade do XIX. ♦